

A PRÁTICA DO CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES

Marcos Garcia Neira^{1*}

1. Pesquisador da Faculdade de Educação da USP.

Resumo:

No mundo globalizado, o patrimônio cultural corporal de muitas comunidades sofre o ataque dos currículos hegemônicos, o que pode ocasionar o afastamento e resistência por parte dos alunos ou a fixação distorcida dos signos de classe, etnia, gênero e religião impregnados nas brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes. Atentos à problemática, docentes da rede pública paulistana afirmam colocar em ação uma proposta a favor das diferenças, o chamado currículo cultural da Educação Física. Objetivando identificar e descrever os princípios e procedimentos didáticos adotados, submeteram-se à análise cultural os relatos de experiência produzidos pelos docentes. Apesar de certa idiossincrasia, concluiu-se que a proposta reconhece o repertório da comunidade, promove a justiça curricular, rejeita o daltonismo cultural e ancora socialmente os conhecimentos. Para tanto, estimula a vivência e ressignificação das práticas corporais de distintos grupos, fazendo dialogar seus modos de significação.

Palavras-chave: Educação Física; Currículo; Cultura.

Apoio financeiro: CNPq e FAPESP.

Introdução:

Um dos desafios do século XXI é o pleno exercício dos direitos humanos com a garantia da equidade. Se consideradas as diferenças de classe, etnia, gênero, religião etc. e combatidas as concepções universalistas, serão favorecidas as várias identidades culturais. Situam-se nesse contexto aquelas políticas curriculares que pretendem construir sociedades mais plurais e democráticas, corrigindo injustiças contra identidades específicas.

Pressupondo que dentre os direitos humanos mais fundamentais está o de se expressar, tem-se uma ideia da importância de elaboração de currículos que tematizem a variedade de manifestações produzidas pela linguagem corporal. Quando brincam, dançam, lutam, fazem ginástica ou esportes, os sujeitos interagem com gestualidades e significados da cultura corporal. É o que permite considerar as

práticas corporais como artefatos que carregam os traços identitários dos grupos que as criaram e recriaram. (WIGGERS, 2005).

Numa escola comprometida com a formação de sujeitos democráticos, o currículo da Educação Física atribuirá relevância semelhante ao patrimônio dos distintos grupos que coabitam a sociedade. É o que tem motivado professores de escolas municipais de São Paulo a debater, experimentar e avaliar uma proposta que rompe com os ditames psicobiológicos que marcam a tradição do componente, para inspirar-se nos Estudos Culturais e no multiculturalismo crítico.

Em termos conceituais, essa perspectiva denominada “cultural” parte do pressuposto que inexistem brincadeiras, danças, lutas, esportes ou ginásticas melhores ou piores. Por isso, se arrisca a borrar as fronteiras e viabilizar a negociação e compartilhamento dos significados atribuídos às práticas corporais pelos seus representantes.

Todavia, a revisão dos estudos realizados sobre o assunto (MACEDO, 2010; NEIRA, 2011; SOUZA, 2012; ETO, 2015) constatou uma lacuna no que tange à identificação e descrição do fazer pedagógico dos professores que afirmam colocar em ação a proposta. Foi o que levou a transformar seus relatos de experiência em objetos de estudo para melhor compreender o processo do ponto de vista de quem coloca as mãos na massa. Assim, figuram como objetivos da pesquisa: 1) Compreender o processo de elaboração e desenvolvimento do currículo cultural da Educação Física; e 2) Identificar e descrever os princípios que balizam a proposta e os procedimentos didáticos adotados pelos professores.

Metodologia:

Com o intuito de compreender o currículo cultural da Educação Física a partir da produção discursiva dos professores, realizou-se uma pesquisa descritiva. A opção pela descrição deve-se à própria intenção de elucidar os processos específicos empregados por um determinado grupo (ALVES-MAZZOTTI, 1999). Neste caso, as ações curriculares desenvolvidas por um coletivo de professores

que afirmam realizar uma prática pedagógica a favor das diferenças.

O propósito da descrição é auxiliar no reconhecimento. “O mérito principal de uma descrição não é sempre a sua exatidão ou seus pormenores, mas a capacidade que ela possa ter de criar uma reprodução tão clara quanto possível para o leitor da descrição” (MARTINS, 1999, p. 56). Assim sendo, descrever é dizer como um objeto pode ser diferenciado ou ser reconhecido entre outros.

Para descrever o currículo cultural da Educação Física, 60 relatos de experiência elaborados como forma de registro foram submetidos à análise cultural. Os documentos foram produzidos durante o ano letivo de 2016 por 30 docentes efetivos das redes públicas estadual e municipal de São Paulo. Todos os textos foram extraídos do endereço <http://www.gpef.fe.usp.br/index.php/relatos-de-experiencia/>

Por se tratarem de interpretações sobre o currículo em ação, os materiais analisados constituem-se em documentos relevantes para compreender como os sujeitos discursam acerca da própria ação didática. Recorrendo a Veiga-Neto (2000), não se está assumindo uma distinção entre o “discursivo” e o “concreto”, entre aquilo que os professores fazem e o que dizem que fazem. Na teorização cultural, “os enunciados fazem mais do que uma representação do mundo; eles produzem o mundo” (p. 50).

Mediante a análise cultural buscou-se examinar as “significações e valores implícitos e explícitos num certo modo de vida, em uma certa cultura”. (COSTA, 2000, p. 24). Consequentemente, não se mirou apenas na ação dos sujeitos, mas sim nas diferentes formas com as quais negociam suas vivências e experiências culturais, “partindo do particular, do detalhe, de um pedacinho da existência comum ou banal, para então trabalhar no sentido de esclarecer a densidade das relações e dos domínios sociais que se entrecruzam e os permeiam”. (FROW; MORRIS, 2008, p. 327).

A análise cultural dos relatos de experiência tornou possível compreender como os docentes produzem discursivamente o currículo cultural da Educação Física. Que eventos influenciam a definição dos temas de estudo, como organizam as atividades de ensino, como lidam com os conflitos surgidos durante as aulas, o que consideram conhecimento relevante, quais discursos acerca das práticas corporais problematizam, como o fazem, que visões de mundo procuram disponibilizar aos estudantes, quais são combatidas, que papel possui o registro do trabalho pedagógico, como lidam com as

respostas dos alunos às situações didáticas propostas e como e o quê avaliam.

Resultados e Discussão:

As análises dos relatos de experiência dão a entender que os professores que colocam em ação o currículo cultural da Educação Física enfrentam as singularidades dos contextos em que atuam com grande flexibilidade. Assumem a condição de autores da própria prática, inventam atividades de ensino e reagem aos acontecimentos das aulas de modo ousado. Em que pese uma certa idiosincrasia, a submissão dos materiais ao confronto com a teorização cultural permitiu descrever princípios curriculares e procedimentos didáticos que perpassam os discursos docentes.

As ações didáticas realizadas partem, prioritariamente, da ocorrência social da prática corporal porque é essa dimensão que precisa ser compreendida e ressignificada. Daí a importância do **mapeamento da cultura corporal da comunidade**. Os educadores realizam uma pesquisa no entorno, observam os momentos de entrada, saída e os intervalos, trocam impressões com os colegas e, principalmente, conversam com os estudantes e familiares para levantar informações acerca das manifestações acessadas quando não estão na escola, quer seja pela própria vivência ou através dos meios de comunicação.

Uma vez que os aspectos suscitados pelo mapeamento envolvem a prática social das brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, a definição do tema de estudo busca uma **articulação com os objetivos educacionais** da instituição explicitados no projeto pedagógico e apoia-se naquilo que Candau (2014) denomina **justiça curricular**. Para valorizar as identidades sociais por meio do reconhecimento do seu patrimônio cultural corporal, os temas abordados acabam contemplando práticas corporais de origens, formatos e significados distintos.

Conforme os documentos analisados, a experiência dos alunos é reconhecida e valorizada. O ponto de apego pode ser uma história narrada por um familiar, uma informação captada na mídia ou um relato pessoal. Sempre há alguém que já teve contato com a prática corporal e pode explicá-la ou demonstrá-la aos colegas. Num primeiro momento, as **vivências** acontecem a partir do formato acessado, em seguida, a turma é convidada a analisá-las. É nesse momento que se dá a negociação de significados por meio da interação coletiva, reorganização da prática, discussão de outras possibilidades e, principalmente, produção cultural. Os

estudantes expõem seus pontos de vista e sugerem modificações de modo a construir a prática do grupo, com formato, regras e gestualidade próprias. Qualquer alteração deverá ser experimentada e reelaborada se necessário, possibilitando o concurso de todos.

No desenvolvimento das ações didáticas, os professores **evitam o daltonismo cultural**. Ou seja, não procuram camuflar as diferenças. Muito pelo contrário, reconhecem os saberes dos alunos e procuram mobilizá-los independentemente do objeto de estudo. (STOER; CORTESÃO, 1999)

Outro princípio observado é a **ancoragem social dos conhecimentos**. Trata-se da organização e desenvolvimento de atividades que propiciam a análise sócio-histórica e política das práticas corporais a partir do seu formato conhecido, visando à compreensão e adoção de um posicionamento crítico com relação ao contexto social em que foram ou são produzidas. (CANDAU, 2014)

Adotar como ponto de partida a ocorrência social de uma prática corporal implica em reconhecer os signos nela encarnados e discutir os significados culturais que lhe são associados. Nesse momento, os olhares se voltam aos marcadores sociais que carrega, o que viabiliza, mediante a análise alimentada por outros conhecimentos, a desconstrução de eventuais representações disseminadas pelos setores interessados em desqualificar o que não lhes pertence para fortalecer sua própria identidade.

Na iminência de práticas corporais exaltadas ou rejeitadas, produzidas discursivamente de forma positiva ou negativa, tanto as representações que os alunos possuem quanto aquelas acessadas no decorrer das atividades são problematizadas, o que implica adotar uma atitude filosófica que vê como problema aquilo que em geral é aceito com naturalidade (FREIRE, 2005). Não é por acaso que as discussões promovidas durante as aulas colocam em xeque as representações atribuídas às práticas corporais e aos seus praticantes.

No currículo cultural, não são os professores que demonstram e descrevem as práticas corporais dos grupos minoritários, atribuindo-lhes significados para que os alunos os assimilem. Outrossim, criam espaços e constroem as condições para que várias vozes e gestualidades sejam analisadas. Daí a importância de estabelecer vínculos com as comunidades a fim de **incorporar o seu patrimônio cultural corporal**. A valorização desses saberes aproxima os alunos de tradições, particularidades históricas e práticas sociais por vezes desacreditadas pela escola.

A inclusão de outros conhecimentos no currículo torna perceptíveis os hibridismos e mestiçagens que caracterizam a cultura corporal, desencadeia novos olhares dos alunos sobre si próprios e sobre aqueles com os quais convivem, além de facilitar o fluxo entre o local e o global, entre a comunidade e a sociedade mais ampla. A análise cultural dos relatos de experiência permitiu constatar a equiparação entre o conhecimento escolar e aquele disponível na comunidade.

Iniciativas desse tipo nem sempre são bem recebidas. Não são poucas as vozes que se levantam para acusá-las de corruptoras e desviantes da infância e juventude. Como resposta, os professores adotam a **pedagogia do dissenso** (McLAREN, 2000), cujo objetivo é o diálogo entre posicionamentos de origens diversas, fazendo do professor um mediador na construção de relações interculturais positivas e ficando a seu cargo a promoção de situações didáticas que viabilizem o contato e o convívio com o diferente.

Para **ampliar e aprofundar** os conhecimentos a respeito da prática corporal em foco, são programadas a assistência a documentários e filmes, pesquisas na internet, em livros ou revistas, entrevistas com participantes, visitas a locais de prática, entre outras. Os professores preparam antecipadamente essas atividades com o intuito de orientar os alunos acerca dos materiais, formato, procedimentos, pessoas envolvidas etc. É o momento da recontextualização pedagógica, ocasião em que os docentes trabalham com textos culturais que contêm informações distintas das acessadas pelos estudantes, gerando um ambiente contra-hegemônico.

Os **registros** acumulados ao longo do trabalho (anotações, gravações, filmagens, fotografias, desenhos etc.) permitem a elaboração coletiva de um produto final: portfólio, livro, mural, relatório, relato, blog, comunicação oral, mangá etc. As preferências no tocante ao conteúdo e formato da apresentação são acordadas coletivamente. A análise desses materiais informa sobre o percurso vivido, permitindo (ou não) identificar mudanças nas representações e posturas dos alunos. A depender do resultado, os professores retomam uma determinada atividade ou reorganiza as próximas.

Conclusões:

A análise dos relatos de experiência permite afirmar que o currículo cultural da Educação Física dá visibilidade à gênese e ao desenvolvimento contextual das práticas corporais. Como se viu, o acesso a esses

conhecimentos prepara o ambiente para interpelar os significados implícitos nos discursos que desqualificam certas manifestações e exaltam outras. Quando o processo de construção das representações pejorativas da cultura corporal dos excluídos vem à tona, os alunos percebem a conexão com a posição social ocupada por seus representantes. Para desnaturalizar essas representações, os docentes desenterram os conhecimentos das minorias posto que sucumbiram à força dos setores dominantes, foram erradicados e desqualificados por não estarem à altura das definições do que se concebe como científico, correto ou benéfico.

Não raro, as manifestações corporais características dos grupos desprestigiados são vistas como indignas ou exóticas. Para ficar nos casos mais corriqueiros, basta mencionar que a capoeira e o samba, num passado não muito distante, foram proibidos e seus praticantes perseguidos. Situação inversa ao xadrez, cuja procedência nobiliárquica seguida de uma atribuição cognitivista lhe confere *status* e presença em muitos currículos, diferenciando-o dos seus congêneres. Os professores que colocam em ação o currículo cultural da Educação Física levam seus alunos a perceberem que as práticas corporais socialmente privilegiadas na escola coincidem na origem ou nos significados recebidos. O mesmo acontece com as que são evitadas ou proibidas.

Os registros dos docentes evidenciam a tentativa de impedir a reprodução da ideologia dominante ao questionar as relações de poder que impregnam as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, por meio de atividades que ajudam a combater a visão unívoca da cultura corporal dominante.

Contrariando expectativas, na visão dos professores o currículo cultural não aponta nenhum caminho perfeccionista, salvacionista ou progressista. Não se arroga a pretensão de oferecer a interpretação mais coincidente com a realidade. “Não constitui uma doutrina geral sobre o que é ‘bom ser’, nem um corpo de princípios imutáveis do que é ‘certo fazer’” (CORAZZA, 2001, p. 56). Tampouco oferece garantias de modificação dos comportamentos calcada em ideais regulatórios. Busca tão-somente tematizar as práticas corporais e problematizar o tipo de subjetivação que provocam. Ao que tudo indica, esse currículo prioriza a construção de experiências atentas às identidades dos alunos, assim como enxerga a escola como espaço-tempo multicultural de formação.

Se o que se pretende é formar cidadãos para uma sociedade menos desigual, como não

debater as relações de gênero e classe que envolvem os esportes? Ou as questões de religião e etnia presentes nas danças? Por que não indagar o confronto entre o global e o local incrustado nas ginásticas? A esse respeito, a análise dos relatos de experiência possibilita emitir um importante alerta: a carência de currículos que proporcionem o exame minucioso dos artefatos existentes fará persistir a cegueira cultural que impede a compreensão de como operam as relações sociais no mundo vivencial. Dentre outras propostas existentes, o presente estudo oferece elementos para pensar o currículo cultural da Educação Física como uma alternativa viável.

Referências bibliográficas

CANDAU, V. M. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORAZZA, S. M. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, M. V. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, M. V. (Org.) **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p. 13-36.

ETO, J. **Desconstruindo o futebol e a erotização da dança**: uma experiência de Educação Física na escola do campo de Matacavallo. 2015, 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. São Paulo, 2015.

MACEDO, E. E. **Educação Física numa perspectiva cultural**: análise de uma experiência na creche. 2010. 134 f. Dissertação de Mestrado. FEUSP, São Paulo, 2010.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação**: a perspectiva dos seus autores, 2011. 330f. Tese (Livre-Docência). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2011.

SOUZA, M. M. N. **“Minha história conto eu”**: multiculturalismo crítico e cultura corporal no currículo da Educação Infantil, 2012. 291 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2012.